

## **Netflix e identidade social: a representação e desestigmatização da homossexualidade nas séries da plataforma stream<sup>1</sup>**

Rian Paulo Ferreira SILVA<sup>2</sup>  
Priscila Muniz de MEDEIROS<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **RESUMO**

A proposta deste artigo é evidenciar os conteúdos produzidos pela Netflix. Busca-se dar o gatilho para um debate acerca da representação e identidade social no meio stream. O foco deste trabalho está nos roteiros e personagens que descrevam ou interpretem indivíduos da comunidade LGBTQ+. Desta forma, busca-se levantar um breve histórico de personagens homossexuais, bem como, casais homo afetivos no intuito de perceber a identidade e relação da ficção com o público-alvo, além de modelos e referências viris que foram desmistificados. Além disso, ressaltar a construção do discurso empoderamento e apresentação de *case* específico acerca do personagem Eric, da série “Sex Education”, que leva o selo da Netflix.

**PALAVRA-CHAVE:** Homossexualidade; Netflix; Séries; Stream

### **INTRODUÇÃO**

A homossexualidade sempre esteve presente em diversas culturas e períodos da história da humanidade. Por muito tempo essa questão era encarada de forma obscura pela Igreja e diagnosticada pela medicina, psicologia e psiquiatria como patologia.

Na área de psicanálise, alguns estudos sobre a homossexualidade remontam pesquisas entre 1948 e 1953, em que sexólogo americano Alfred Kinsey utilizou a escala Kinsey com cerca de 17.000 pessoas para estudar o comportamento sexual desses indivíduos, esse método objetivava descartar as ideias sobre exclusividade de preferência heterossexual ou homossexual, substituindo-a como uma tendência no comportamento sexual no sujeito. Miranda (2013).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 08 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019;

<sup>2</sup> Estudante do 8º período do Curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL. E-mail: [rpaulofs@gmail.com](mailto:rpaulofs@gmail.com);

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ICHCA-UFAL. E-mail: [prismuniz@gmail.com](mailto:prismuniz@gmail.com);

Os estudos de Kinsey se reverberaram de tal forma que, em 1975, a Associação Americana de Psicologia passa a visualizar a homossexualidade não como um desvio mas uma orientação sexual. Em pouco mais de uma década, a Organização Mundial de Saúde (OMS) também adquiriu a mesma interpretação. Os debates acerca da homossexualidade e comunidade LGBT+ se ampliaram e, como eles, diversos movimentos também.

Segundo Guimarães (2009), a partir dos movimentos de liberação Homossexual, após o incidente de Stonewall em Nova York, em junho de 1969, emergiu o termo gay como meio para apagar o teor psiquiátrico por trás da palavra homossexual. Esse incidente se transformou em um dos principais movimentos da liberação gay. A invasão do bar gay chamado *Stonewall Inn* por policiais da cidade de Nova Iorque, por conta do sistema jurídico anti-homossexual que era estabelecido na cidade por volta de 1950 e 1960.

Porém, nas décadas de 1970 e 1980, movimentos em prol das pautas da comunidade LGBTQ+ emergiram de forma mais consistente e geraram grande repercussão. Em meio à guerra fria, diversos embates ocorreram para que a ideologia conservadora que pairava sobre a sociedade ocidental fosse desconstruída.

No campo da comunicação, ainda existia resistência para a produção de conteúdos baseados no público-alvo LGBTQ+ por conta de interesses de diversos seguimentos políticos, culturais e sociais mais tradicionais. Por muito tempo, o estopim do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação serviu de controle e, baseando-se na teoria da biopolítica de Michael Foucault, os meios são utilizados como forma de instituir regras de constituição e comportamento social em que a homossexualidade não era bem vinda.

[...] a análise da circulação e da troca de enunciados no campo midiático permite descrever os discursos que constituem a prática política e o tipo de sociedade produzido pela rede enunciativa tecida nos diferentes sistemas de formação dos discursos. Essa relação é possível porque os dispositivos midiáticos trabalham para ter o controle sobre esse bem, que é o discurso, atuando ativamente nos processos de identificação dos sujeitos de uma sociedade. (SOUZA, 2012, p.42).

Desta forma, os meios de comunicação são utilizados como ferramenta de condicionamento para a sociedade em massa. A televisão, por exemplo, transmitia conteúdos totalmente voltados para família, reforçando o estereótipo e o dito ideal de família tradicional. Isso também se reverbera como consequência do chamado “*American Way of Life*” – em português “estilo de vida americano”, em que um modelo pré-estabelecido de condutas e formação social deveriam ser seguidos na nação americana. Essa constituição não incluía o

comportamento homossexual, tão pouco, casais ou estruturas familiares em que algum membro da família ou os casais homo afetivos eram incluídos.

O recorte requerido por esta curta reflexão se liga à elaboração de Michel Foucault acerca da sociedade de controle que começa a se desenhar no século XVIII, com o aparecimento de um poder que é ao mesmo tempo disciplinador e normalizador e não se exerce mais sobre os corpos individualizados, mas se concentra na figura do Estado, em que é exercido com pretensões de administrar a vida e o corpo da população. (SOUZA, 2012, p.43).

Segundo Rodrigues (1990, p. 143), o âmbito social constitui uma instituição social, uma esfera de legitimidade. O religioso, a família, o militar, o político, o científico, o econômico, são indiscutivelmente campos sociais. [...] Definem esferas de legitimidade que impõem com autoridade indiscutível actos de linguagem, discursos e práticas conformes, dentro de um domínio específico de competência. A legitimidade é assim o critério fundamental de um campo social.

Diante da legitimidade mencionada, ao resgatar o breve histórico disposto acima acerca da homossexualidade, entende-se que o homossexual não constituía tal definição e, tampouco, era considerado um campo social a ser interpretado ou difundido nos meios.

No campo mais técnico das teorias comunicacionais, pode-se atribuir a explicação da forma unilateral como eram constituídos e transmitidos os conteúdos à Teoria do Agendamento – ou “Agenda Setting”, elaborada pelo jornalista Walter Lippman, que reforça a ideia de manipulação das massas em meio a explosão de conteúdos midiáticos disseminados com o advento da televisão, rádio, telefone, entre outros.

(...) em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que o *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende aquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. *Donald Shaw, 1979 (In: WOLG, 1994)*

No entanto, o cenário atual das grandes mídias do século XXI transformou-se. A sociedade já não é a mesma, a interação é parte da cultura digital e social dos cidadãos e, logo, há questionamentos, gostos, indagações, opiniões, ou seja, o feedback. Esse fator da interatividade mudou a forma de comunicar ou transmitir a notícia. O indivíduo tem expressão e não está mais habituado em na relação unilateral do processo de midiaticização.

A noção de feedback refere-se ao fluxo contínuo de informações e respostas trocadas entre os elementos de um sistema na coordenação de suas ações. Isso não se aplica apenas a elementos eletrônicos: aonde quer que exista um sistema, sua organização dependerá da qualidade do feedback trocado entre seus componentes. (WEINER, 1975).

Assim fica claro a importância do nicho e da perspectiva diante do público-alvo. Os conteúdos passaram a ser cada vez mais diversos ou segmentados, atendendo a todo tipo de “personalidade social” e discorrendo sobre questões de inclusão de raça, gênero, orientação sexual e identidade. Desta forma, é possível perceber um efeito catalisador que compromete a teoria levantada por Lippman.

No *mainstream*, a dramaturgia e o cenário *on demand* construiu diversos personagens que quebram paradigmas. Nota-se que, cada vez mais a comunidade LGBTQ+ vem galgando novas formas de representatividade, principalmente dentro dos meios de comunicação. Este artigo leva em consideração o contexto histórico da desmistificação da homossexualidade e busca instigar um breve debate e observações acerca do surgimento de novos produtos e personagens homossexuais nas séries da plataforma Netflix.

Os espaços que ocupam, o discurso de empoderamento, a mensagem e apresentação por trás das personagens, bem como, as novas formas de visualização opostas ou não aos estereótipos já estabelecidos são fatores considerados para explicar a interferência social da comunidade LGBTQ+ na produção de novos conteúdos que os representam.

## NETFLIX E O CONTEÚDO INDENTITÁRIO

A empresa norte-americana *Netflix* iniciou seus serviços em 1997, pelos idealizadores Reed Hastings e Marc Randolph. A princípio, a plataforma basicamente funcionava como uma locadora no âmbito do ciberespaço – mundo digital, em que era possível alugar ou comprar filmes. Desta forma, a plataforma contava com uma lista de locadores que aguardavam a entrega e disponibilização dos produtos.

Cerca de 2 anos depois, com o constante desenvolvimento da internet, o *Netflix* mudou a logística para que os clientes pudessem adquirir seus produtos. A locadora online passou a conceder assinatura para os contratantes e disponibilizou seus conteúdos de forma ilimitada. Porém, ainda se utilizava do sistema de envio físico. Sem grandes mudanças até então.

O diferencial do serviço estava no acervo que o *Netflix* possuía, que incluíam diversos gêneros, bem como, edições antigas e difíceis de serem encontradas. Pouco a pouco, a plataforma foi conquistando seu espaço no mercado e não demorou tanto para se consolidar. Em 2007, a *Netflix* se revolucionou. Acompanhando a tecnologia, passou então a oferecer filmes e seriados pelo chamado *streaming*.

*Streaming* é uma técnica que permite a transmissão de informação multimídia através de uma rede de computadores concomitantemente com o consumo desta informação multimídia por parte do usuário. Em outras palavras, enquanto o usuário assiste a um vídeo, as próximas cenas estão sendo transmitidas. Deste modo, o usuário começa a assistir a um vídeo sem antes ter que baixá-lo integralmente (CLEMENTE, 2006, p.1).

Em 2011, o *Netflix* passou a produzir seu próprio conteúdo direcionado para o serviço de streaming, além de adquirir também, os direitos autorais de diversas séries e filmes de sucesso. Tempo depois, a *Netflix* contava com cerca de 10 milhões de assinantes em 10 meses (EXAME, 2014). Desde então, o *Netflix* foi se consolidando e tornou-se a maior de streaming do mundo. Hoje, a empresa conta 62 milhões de assinantes, distribuídos em mais de 50 países (são 2,2 milhões somente no Brasil), consomem mais de 100 milhões de horas de filmes e séries de TV por dia.

Além de facilitar o acesso aos conteúdos por meio do streaming na Netflix, outra qualidade se dá justamente pela liberdade de criação e disseminação de materiais que promovam, por exemplo, a representação e identidade da comunidade LGBTQ+. Por ser uma plataforma independente e sem laços com a política, a Netflix tem autonomia de disponibilizar tais produtos e acompanhar os anseios sociais.

[...] a sociedade na qual se engendra e se desenvolve a midiatização é constituída por uma nova natureza sócio organizacional na medida em que passamos de estágios de linearidades para aqueles de descontinuidades, onde noções de comunicação, associadas a totalidades homogêneas, dão lugar às noções de fragmentos e às noções de heterogeneidades (FAUSTO NETO 2006, p. 03).

Reforça-se então a ideia de que o sujeito não se conforma apenas com o modelo pré estabelecido pela mídia. Assim como, a mídia de massa não é a única provedora de produtos de qualidade e nem representação absoluta. A ideia de uma sociedade passiva em termos de interatividade e intervenção já não são mais uma realidade no mercado. A Netflix é um caso concreto dessa argumentação.

Em uma breve análise, pode-se observar que, nos produtos de entretenimento de 5 anos atrás, muitos personagens homossexuais foram inseridos nos roteiros dos filmes e séries que levam o selo da Netflix. Faz-se crer que, realmente, essa interferência social serve de guia para pensar um novo produto.

## SÉRIES E PERSONAGENS LGBTQ+ DISPONÍVEIS NA NETFLIX

### Jessica Jones

No campo social que envolve a masculinidade, a virilidade é representada pelo culto ao corpo e músculos. Os super heróis são referências usados pela sociedade e a mídia como modelo do poder e hombridade, apresentando grandes músculos e força. “Jessica Jones” é definitivamente uma quebra dessa referência masculina e heteronormativa.

Trata-se de uma super heroína da franquia Marvel. Na série, a personagem lésbica Jeri Hogarth representa uma personalidade fria, calculista, impiedosa. Sua ex-esposa Ross-Hogarth e namorada Pam também representam as lésbicas na série. Assim, temos uma representação feminista, lésbica que sobrepõem ao modelo viril.

De acordo com Beauvoir (1972), nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o homem e o super-homem que chamamos de viril.

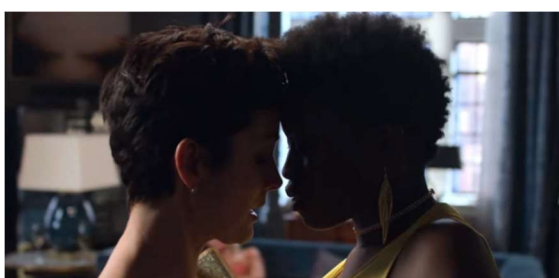


Figura 01 – Fonte: Bustle

### Orange is the New Black

O mesmo acontece em “*Orange is the New Black*”. A série apresenta representatividade. Piper, Alex, Big Boo, Nicky, Soso, Poussey, Suzanne, e outros personagens incontáveis retratam lésbicas e mulheres bissexuais na série. Laverne Cox, que interpreta Sophia Burset, foi uma das primeiras mulheres trans fazendo papel de mulher trans na TV.



Figura 02 – Fonte: Bustle

### Sense8

Enquanto tecnicamente todos na série “Sense8” são pansexuais. Nomi, uma hacker ativista lésbica trans, e Amanita, sua incrível namorada, dão aos espectadores um dos maiores e melhores apaixonantes casais lésbicos da TV. Lito e Hernando também merecem destaque por saber muito bem como despertar nossos desejos e representam o casal homo afetivo masculino.



Figura 03 – Fonte: Indiewire

### House of Cards

O presidente Frank Underwood é bissexual - apesar de apaixonado por Claire - e tem relações com homens e mulheres na tela. Rachel Posner também é bissexual e tem uma namorada, Lisa Williams, na segunda temporada.



Figura 04 – Fonte: House of Cards Brasil

### How to Get Away With Murder

Annalise Keating é uma advogada casca duríssima bissexual, além de professora. Um dos personagens favoritos, Connor Walsh, interpretado pelo Jack Falahee, é um aluno abertamente gay, num relacionamento com Oliver Hampton.



Figura 05 – Fonte: Queerty

### Elite

Os personagens Omar (Omar Ayuso) e Ander (Arón Piper) se conheceram por um aplicativo. E até ficarem juntos, eles passaram por umas situações bem difíceis, já que suas famílias não faziam ideia da sexualidade deles. O fato da religião afetar a vida do irmão de Nadia (Mina El Hammani) é também um fator que deixa tudo mais emocionante cada vez que eles se encontram.

Omar atende ao perfil viril do criminoso. Na série, ele é jovem traficante que fornece drogas para os estudantes de uma escola da elite da cidade. Um dos clientes de Omar é Ander. A série explora esse estereótipo viril juntamente com a questão da homossexualidade. Segundo Kalifa (2013), moleque vadio, bandido ou mafioso, todos aqueles que seus pares reconhecem como homens compartilham certo número de traços comuns, que são simultaneamente de aparência física, de habilidades específicas e, acima de tudo, de uma “mentalidade” que deve dar conta do arsenal dos valores da masculinidade.





Figura 06 – Fonte: Põe Na Roda

### Riverdale

O mesmo parâmetro serve para o casal formado pelo personagem Kevin Keller que se envolve com o membro de uma gangue e traficante, Joaquim, em que a viliridade está atrelada ao aspecto mafioso de Joaquim, enquanto Kevin é o filho do coronel da cidade. Há também Cheryl Blossom (Madelaine Petsch), a maior patricinha, quase vilã de "Riverdale" se relacionou com Toni Topaz (Vanessa Morgan).

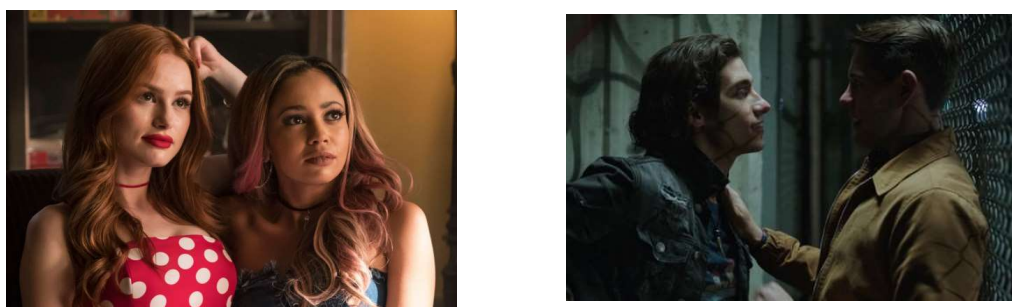


Figura 8 – Fonte: Gaytimes

### O Mundo Sombrio de Sabrina

Na série, os bruxos Ambrose (Chance Perdomo) e Luke (Darren Mann) também fizeram cenas de casal. Dentre os gêneros que possuem roteiros sobre bruxos, Ambrose e Luke são os únicos personagens que representam essa categoria.



Figura 07 – Fonte: Draglicious

### Special

A primeira sitcom com episódios de 15 minutos da plataforma é baseada no livro autobiográfico "I'm Special: And Other Lies We Tell Ourselves" (Sou especial: E outras mentiras que contamos a nós mesmos) de Ryan O'Connell, que interpreta o protagonista da comédia. A série conta a história de um rapaz gay com paralisia cerebral leve que, para conseguir um estágio, esconde sua deficiência dizendo ter sequelas de um atropelamento.



Figura 10 – Fonte: Põe Na Roda

### **Sex Education**

O personagem Eric é simplesmente um dos melhores personagens de seriado apresentados recentemente. O personagem é gay, e tanto o ator, quanto a produção, souberam explorar sua presença em cena na medida certa. Sem o transformar em uma piada estereotipada tão comum na televisão. Eric é complexo, extremamente engraçado e muito irreverente. Levando a parte cômica da série de forma natural, o garoto logo domina o público, fazendo com que os fãs acabem desejando que ele apareça mais vezes em cena. Além disso, as roupas do personagem são um show à parte.



Figura 9 – Fonte: Queerly

### **CASO ERIC DE “SEX EDUCATION”: TEORIA MULTIMODAL E O DISCURSO DE EMPODERAMENTO E IDENTIDADE**

Com o passar dos anos, as séries mais recentes da Netflix contam com muitos personagens não apenas homossexuais mas, também, componentes das demais categorias da comunidade LGBTQ+. Por tempos, o homossexual sempre foi estigmatizado na telas, nos

filmes e nos seriados. A imagem do LGBTQ+ no *mainstream* era de *losers*, em português “perdedores”. A personagem é sempre a deslocada do ambiente e contexto social onde vive. Ou ainda, gays com estereótipo afeminado e sempre atrelado às atividades ditas “femininas”, com comportamento mais sensível, zelo pela estética e modos e gestuais alegóricos.

A plataforma em suas produções inseriu em nas mais variadas tramas personagens queers. A séries roterizadas em cidades interioranas, por exemplo, contam com personagem gay filho do xerife da cidade e que se relaciona com um jovem que é membro de um grupo de motoqueiros e traficantes de drogas, como é o caso de “Riverdale”. O mesmo acontece na série Elite, em que um adolescente de rico se apaixona e vive um romance com o seu *drug dealer* – em português traficante de drogas.

Há também a personagem popular mulher se apaixonando pela colega de classe. O gay portador de condições especiais – paralisia cerebral, na série Special. Advogados, políticos, presidiárias, super heróis, entre outros. A Netflix popularizou e desmistifica a cada nova produção o contexto da sociedade midiaticizada e atual.

Mais ainda, personagens como Eric de “Sex Education” que comportando todas as características citadas no primeiro parágrafo deste tópico que ergue a voz e a bandeira de empoderamento e busca por aceitação dos indivíduos estigmatizados. Vale ressaltar que este personagem além de ser homossexual, é negro e faz parte da baixa classe econômica. Ou seja, um personagem totalmente estigmatizado e com diversas significações.



Figura 11 – Fonte: Interprete.me

Aplica-se aí o entendimento da significação por meio da construção de um personagem que além de entreter, sobretudo comunica. Trata-se da semiose social, o sentido e validação do público-alvo. Essa comunicação é composta por diversos elementos não apenas textos orais ou escritos mas, também, do comportamento, abordagem, fisionomia, estética inserida no personagem, a que chamamos de multimodalidade.

A multimodalidade é entendida, em termos gerais, como a co-presença de vários modos de linguagem, sendo que os modos interagem na construção dos significados da comunicação social. O que é importante nessa visão de uso de linguagens é que os modos funcionam em conjunto, sendo que cada modo contribui de acordo com a sua capacidade de fazer significados. (HEMAIS, s/d, p.1).

A série propõe desmistificar certos tabus reforçados pela sociedade. Assim, *Sex Education* conta com uma gama de falas e diálogos sobre questões sexuais que envolvem, também, debates acerca da homossexualidade. Pode-se ter como exemplo o personagem já mencionado, Eric, todo montado como uma drag queen.

Eric mesmo tendo sua orientação sexual assumida na escola, ainda enfrenta questões pessoais de identificação, a busca por alguém referência sobre qual tipo de pessoa ele deseja ser. Em certos momentos da série, Eric se vê confrontado pelo preconceito com pessoas da própria comunidade LGBT, como é o caso do personagem também gay, Anwar, que menospreza Eric ao longo de toda temporada. Além disso, o bullying da ausência da virilidade, a rejeição no âmbito familiar, a dificuldade de encontrar um parceiro. A Netflix por meio deste personagem inseriu na série grande representatividade.

Outro momento marcante é quando Eric é agredido no meio da rua por estar caracterizado de Hedwing. Na cenas seguintes após a agressão, Eric passa a não se montar ou vestir roupas com cores vivas, assume uma maneira neutra e casual de se vestir. Nota-se então uma alusão à busca pelo padrão estabelecido dentro da sociedade.

Fairclough (2003) argumenta que a interdiscursividade é uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens do discurso. É a configuração de convenções discursivas que entram em sua produção, como uma constituição heterogênea de textos por meio de elementos das ordens do discurso.

Quando Eric finalmente decide contar o ocorrido para seu pai, o mesmo constatou: “*Se vai viver assim, vai ter que se fortalecer*”. Mensagens como essa, possuem carga de significações. O pai de Eric ainda questiona: “*Que tipo de homem você quer ser?*”. Assim como o personagem, muitos jovens que, inclusive, assistem a série podem refletir junto ao personagem na busca pela própria identidade.

De uma perspectiva multimodal, a linguagem é sempre, portanto, um modo abrigado entre um conjunto multimodal de modos. A multimodalidade oferece uma perspectiva e métodos de entendimento da linguagem e não é uma simples reformulação da comunicação não-verbal. (SCOLLON et al, 2011).

Quando na cena em que Eric se depara com um homem pedindo informações no carro, vestindo de cores vivas e estampas alegóricas, brincos, bem como, a maquiagem e as unhas pintadas, serviu para que Eric pudesse olhar para dentro de si, e aceitar sua essência e quem ele é.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma breve e sucinta é possível perceber que alguns personagens atrelados à masculinidade foram desmistificados. Novos roteiros são compostos com personagens que seguem linha de comportamento viril mas com orientação sexual como homossexual.

O mesmo caso da virilidade é representado pelo antigo modelo de representação, e evidenciado pela Netflix de uma forma extremamente atual e desconstruindo o ideal masculino em cima do espelho do feminino. Outro aspecto importante é o da inclusão social não apenas por conta da orientação mas condição especial, de referência à portadores de deficiência juntamente com a pauta homossexualidade.

Essas representações reforçam e estimulam os padrões diversificados da sociedade e como há sentidos comuns em contextos diferentes de indivíduos. Nem sempre o conjunto de apresentação é coeso com o sentimento, mentalidade e sexualidade. Outros perfis já enaltecem o orgulho de ser quem é. O papel da Netflix acaba por abranger uma parcela maior e mais esquecida da sociedade no tocante à representação.

O importante a ser destacado é que houve desenvolvimento de consciência, significação e o processo de construção dessas representações, que servem como um guia e reflexo da demanda cobrada pela comunidade LGBTQ+ no que diz respeito ao comportamento, identidade e existência.

As representações não são apenas constituídas da “imitação” de algo ou alguém, mas do duplo processo de substituição e (re)criação daquilo ou daquele que se representa, de figuração e produção de sentidos, de simbolização e significação. Logo, representar é o processo de criar e substituir (CARTA CAPITAL, 2016).

As produções elaboradas pela Netflix caem em gosto popular e desmistificam muitas mensagens e informações equivocadas por meio dos seus produtos. Tem-se então um papel crucial na formação de ideias, consciências e o acompanhamento da sociedade atual. Esses produtos estão além de um simples entretenimento, mas são a ressignificação de uma questão que por séculos têm sido desconstruída com muita luta.

## REFERÊNCIAS

CARTA CAPITAL. **10 Razões pelas quais você precisa assistir Sex Education, Nova Série da Netflix.** Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/representacao-de-lgbts-na-midia-entre-o-silencio-e-o-estereotipo/>>. Acesso em: 30/03/2019.

CHOULIARAKI, Lilie, FAIRCLOUGH, Norman. Discourse in Late Modernity. **Rethinking Critical Discourse Analysis.** Edinburgh: Edinburg Universty Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade:** vol. I – a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. **A história da virilidade.** Vol. III – a virilidade em crise? Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2013.

DENNER, Fernando. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault The Sense of Biopolítica in Michel Foucault.** Revista Estudos Filosóficos nº 4 /2010. Pág. 143 – 157. Disponível <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>>. Acesso em: 30/03/2019.

FILHO, Beijamim. **Foucault e a (bio) política: possibilidades e metamorfoses de um conceito. Disponível em:**  
<[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16474/1/BenjamimJGF\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16474/1/BenjamimJGF_DISSERT.pdf)  
> Acesso em 04/05/2019.

GUIMARÃES, Anderson. **O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a23.pdf>> Acesso em 04/05/2019.

HEMAIS, Barbara. **“Multimodalidade: enfoque para o professor de ensino médio”.** Disponível em <[http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/JaneladeIdeias/biblioteca/B\\_Multimodalidade.pdf](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/JaneladeIdeias/biblioteca/B_Multimodalidade.pdf)>. Acesso em 28/03/2019;

LEMOS, André. **Cibercultura.** Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Porto Alegre, Sulina, 2002.

MIRANDA, Alex. **Homossexualidade: Desmistificando e Garantido um Espaço para Subjetividade.** Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/sexualidade/homossexualidade-desmistificando-e-garantido-um-espaco-para-subjetividade>> Acesso em 04/05/2019.

\_\_\_\_\_. **Será que ele é? Onde estamos? A Mdiatização de um discurso proibido.** Revista ícone – PPGCOM – UFPE – v.2 – nº 9, 2006b.

PUREBREAK. **Esses são com certeza os 10 casais LGBTs mais fofos do mundo das séries!**. Disponível em <<https://www.purebreak.com.br/noticias/de-riverdale-elite-sense8-veja-os-10-casais-lgbts-mais-fofos-das-nossas-series-preferidas/80413>>. Acesso em: 30/03/2019.

\_\_\_\_\_. **Netflix lança trailer de "Special", sobre gay com paralisia cerebral, e já amamos o protagonista**. Disponível em <<https://www.purebreak.com.br/noticias/-special-nova-serie-lgbt-da-netflix-ganha-trailer-apaixonante/84820>>. Acesso em

QUEERFEED. **10 séries com personagens LGBT incríveis na Netflix**. Disponível em <<https://www.queerfeed.com.br/10-series-personagens-lgbt-netflix/>>. Acesso em: 30/03/2019.

SCOLLON Ron e SCOLLON, W. Suzie. **Multimodality and Language**. In: The Routledge Handbook of Multimodal Analysis. New York: Routledge, 2011, p. 170-180.

SOUSA, KM. **Discurso e biopolítica na sociedade de controle**. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 41-55. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books.